



JORNAL da ANE

Associação Nacional de Escritores

ANO XV, nº 114, agosto/setembro - 2022

NO CENTENÁRIO DE PAULO MENDES CAMPOS

(☆ 1922 † 1991)

Danilo Gomes

Como se sabe, o Brasil conta com uma brilhante constelação de grandes cronistas, desde José de Alencar, Machado de Assis, Raul Pompeia, Lima Barreto, Carlos de Laet, Francisco Otaviano de Almeida Rosa, Olavo Bilac, José do Patrocínio, João do Rio. Depois vieram outros notáveis. A nominata é extensa e conhecida. No livro que organizou sob o título de *Boa Companhia*, uma seleção de crônicas de 42 autores nossos contemporâneos, o excelente cronista Humberto Werneck registrou que a crônica é “um gênero tipicamente brasileiro” e “ascendeu à categoria de arte maior, sem perder a graça e a leveza” (São Paulo, Companhia das Letras, 2005). Neste artigo, limitar-me-ei a focar Paulo Mendes Campos, cujo centenário de nascimento transcorreu em 28 de fevereiro deste ano de 2022. Além de grande poeta, Paulo Mendes Campos foi um magnífico cronista, um estilista de escol, um ourives da palavra, requintado até quando trabalhava com a linguagem coloquial, marca registrada e apanágio desse gênero literário.

Paulo Mendes Campos destacou-se pela prosa cativante, sedutora, pelo lirismo, pelas iluminações filosóficas e sociológicas beirando o ensaio. Às vezes é bem humorado, às vezes é pessimista (à Machado de Assis, à Graciliano Ramos, à Carlos Drummond de Andrade), não raras vezes irônico, quase niilista. O centenário de seu nascimento não pode passar em branco. Ele nasceu em Belo Horizonte, em 28 de fevereiro de 1922. Filho do médico e escritor Mário Mendes Campos e de Maria José Lima Campos, muito ligada à literatura; ela lia poemas em português e francês para seus oito filhos. Em 1934 Paulo foi estudar no Colégio Dom Bosco, em Cachoeira do Campo. Ele nos conta, em “Aventuras com as palavras”:

“No primeiro ano de ginásio (num colégio que foi quartel colonial, perto de Cachoeira do Campo e Ouro Preto) comecei a escrever. No ano anterior eu havia fugido de casa, com dois amigos, buscando as aventuras de Mato Grosso. A fuga durou vinte e quatro horas e foi relatada num caderno ao qual dei o título de “Fugindo de casa”.

Pouco depois, tomei conhecimento dos versos de Mário de Andrade sobre Belo Horizonte e também escrevi o meu poema futurista com o mesmo tema. Em seguida, influenciado pelo Winnetou de Karl May, criei o herói chamado Motano, um índio dos Estados Unidos.”

Paulo concluiu o curso secundário em São João del-Rey, em 1939. Começou os cursos de Odontologia, Veterinária e Direito, mas não foi em frente. Queria mesmo ser aviador militar, no entanto cursou por apenas um ano a Escola Preparatória de Cadetes, em Porto Alegre; não aguentou a rigidez espartana da disciplina castrense. Voltou para Belo Horizonte; gostava mesmo era das animadas conversas literárias nas mesas dos bares com os amigos João Etienne Filho (tio-avô da escritora Clara Arreguy), Fernando Sabino, Otto Lara Resende, Hélio Pellegrino e Murilo Rubião. Em 1945 pegou o trem noturno da Central do Brasil e foi ao Rio para conhecer o ilustre visitante Pablo Neruda. Gostou tanto do Rio (onde já morava Fernando Sabino), que voltou à capital mineira, arrumou suas coisas e se mudou para a Cidade Maravilhosa, de mala e cuia. Virou torcedor do Botafogo e amigo de vários jogadores. No Rio, o editor, poeta e memorialista carioca Augusto Frederico Schmidt consegue-lhe um emprego de redator no *Correio da Manhã*. Carlos Drummond de Andrade lhe abre as portas para um emprego no Instituto Nacional do Livro – INL. E Paulo passa, em seguida, a colaborar no *Diário Carioca* e no *O Jornal*, dos Diários Associados. Em 1951 casa-se com Joan Abercrombie, de ascendência inglesa, com quem teve um casal de filhos, Gabriela e Daniel.

Vi o escritor apenas uma vez, não me lembro se no Aeroporto da Pampulha ou no novo, inaugurado em 1984, em Belo Horizonte. Ele estava numa banca entre os livros, jornais e revistas, enquanto esperava o avião para o Rio. Pensei em cumprimentá-lo, mas não quis incomodá-lo. Deixei-o “ciscando” a papelada. Não tive trato pessoal com Paulo, mas o tive, por alguns anos, com seu pai, o Dr. Mário, poeta, ensaísta, autor de um livro sobre

Rubén Darío. O Dr. Mário era assíduo frequentador da famosa Livraria Itatiaia, na belorizontina Rua da Bahia, dos irmãos Pedro Paulo e Édison Moreira, poeta, irmãos do escritor Vivaldi Moreira, já membro da Academia Mineira de Letras, de que seria mais tarde Presidente e eleito pelos confrades Presidente Perpétuo, pelos muitos e valiosos serviços prestados à Casa, conseguindo-lhe até a sede própria, o Palacete Borges da Costa.

Mário Mendes Campos, também da Academia Mineira de Letras, tornou-se meu amigo e amigo do então também jovem Pedro Rogério Moreira, futuro escritor e sucessor de seu pai, o Dr. Vivaldi Moreira, na Academia Mineira de Letras. Aos sábados, o mestre e o jovem discípulo de letras Pedro Rogério iam tomar chope e almoçar na Churrascaria Camponeza (com z), no Bico de Lacre ou outro local de bons comes & bebes da capital mineira. Pedro Rogério Couto Moreira conta essas histórias em seu notável livro *Sob o céu de Belo Horizonte* (Brasília, Thesaurus, 2020). O Dr. Mário era afável, paciente, paternal, para com os moços literatos de então, como o eram os veteranos Alberto Deodato, Ayres da Matta Machado Filho, Eduardo Frieiro, Manuel Casasanta, Edgar de Vasconcellos Barros, Vivaldi Moreira e Édison Moreira.

Voltemos a Paulo Mendes Campos, que considero um dos maiores escritores brasileiros de todos os tempos, no verso e na prosa. Jornalista, trabalhou em diversos jornais e revistas, como *Manchete*. Andou pela Europa, pela China, pelos Estados Unidos. Foi, por alguns anos, funcionário do Ipase, órgão federal. Exerceu o cargo de Diretor da Divisão de Obras Raras da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, onde, erudito como era, certamente se sentia “em casa”.

Sobre nosso autor escreveu o editor Ênio Silveira, nas orelhas do livro de Paulo, *Diário da Tarde* (Rio, Civilização Brasileira – Massao Ohno, 1981):

“Boêmio, é flor dos bares e, como Dylan Thomas, pode passar horas a fio, um dia inteiro, em contacto com os deliciosos produtos da fermentação ou da destilação, enfrentando-os com

Continuação na pág. 2

NO CENTENÁRIO DE PAULO MENDES CAMPOS

(☆ 1922 † 1991)

Daniilo Gomes

resistência extraordinária. Mas é ao mesmo tempo, como Drummond, uma pessoa de total responsabilidade, que cumpre a palavra empenhada, não deixa ninguém na mão, realizando a tempo e hora seus compromissos profissionais. Trabalhador intelectual sério, tem fôlego para várias tarefas a um só tempo, a todas elas marcando com o brilho do seu talento.”

Paulo publicou livros de crônicas e poemas, além de participar de antologias de crônicas. Entre seus livros relaciono estes: *A palavra escrita*, *Domingo azul do mar*, *De um caderno cinzento: aforismos e outras epifanias*, *Diário da tarde*, *Quatro histórias de ladrão e outras crônicas*, *O amor acaba*, *O cego de Ipanema*, *Homenzinho na ventania*, *Cisne de feltro*, *Trinca de copas*, *O gol é necessário (crônicas sobre futebol)*, *Balé de pato*, *Os bares morrem numa quarta-feira*, *Brasil brasileiro*. Traduziu e adaptou grandes clássicos da literatura universal, como Júlio Verne, Oscar Wilde, Verlaine, James Joyce, Jorge Luis Borges, Dickens, Flaubert, Shakespeare e outros.

Segundo o professor e crítico literário Ivan Marques, Paulo ajudou a alargar os limites da crônica. Depõe, no posfácio de *O amor acaba*: “Para ele, de fato, crônica podia ser tudo: tanto as digressões líricas e cômicas, como as páginas de reflexão dedicadas à condição humana, às novidades do mundo moderno, às descobertas científicas e tecnológicas, etc. Leitor cultíssimo e atualizado, o cronista-ensaísta tem alma de pesquisador, vocação para inventar teorias e disposição para pensar sobre tudo.”

Embora morando no Rio de Janeiro desde 1945, Paulo nunca deixou de ser profundamente mineiro e várias crônicas dedicou às lembranças da infância e mocidade, à chamada mineiridade e às coisas de nosso estado. São páginas antológicas, como “Rua da Bahia”, “Trem de ferro”, “Quando veio a guerra”, “Mineiro: fala de Minas” e muitas outras.

Élvia Bezerra, grande estudiosa da obra de Paulo Mendes Campos, foi a responsável pela organização, apresentação e notas do volume *De um caderno cinzento* (S.P., Companhia das Le-

tras, 2015). Ela testifica, à pág. 10: “Paulo Mendes Campos dá a impressão de brincar. De brincar com método, quando, na verdade, o que faz é trabalhar com extrema disciplina. Estudou a própria obra, recompôs textos, recortou passagens de um para inseri-las em outro, organizou coletâneas e planejou diversas. Quem se ocupa dos seus cadernos percebe quanto ele se dedicou à sua obra, dela fazendo um tabuleiro onde move poemas e crônicas como peças, pensando em lhes dar melhor destino ou revestir-lhes de nova força.”

Paulo Mendes Campos morreu no Rio de Janeiro, em 1º de julho de 1991, aos 69 anos de idade. Tornou-se um dos maiores escritores brasileiros, na poesia, na crônica e na crônica-ensaio. Merece destaque o efeito encantatório de sua rica engenharia narracional, a graça epifânica de suas fascinantes criações fora da curva. Soube equilibrar-se entre a pujante vivência boêmia e a disciplina de um intenso trabalho de burilar o texto cada vez mais, com o rigor de um ourives, um relojoeiro, um escultor. Foi um verdadeiro artista da palavra, um filólogo lúdico, um refinadíssimo esteta, um primoroso estilista, digno de nosso aplauso e admiração.

Quero encerrar este artigo com trechos do próprio Paulo Mendes Campos, extraídos de sua crônica “Réquiem para os bares mortos”, de 1966, que integra o livro *O amor acaba*:

“Hoje sou um homem esvaziado de seu conteúdo. Vou atingindo a perfeição do vazio, seguindo sem muito receio por esses Tibetes da conformação. Mas cumpri as estações do caminho, paguei tudo aquilo que aprendi. Bar morto, bêbado morto, caminho morto. Há azulões no crepúsculo ou uma saudade de azulões. É sempre safra de cajus quando me surge o Pardellas. (...) Recreio velho, rogai por nós. Túnel da Lapa, rogai por nós. Chave de Ouro, rogai por nós. Hoje sou um homem sem mais nada. Rogo por vós. Rogo por vós um céu, com o vosso firmamento, vossos luzeiros, vossos ornatos, vossos homens imaginosos, vossas freguesas perdidas. E depois me recolho do chão em que fui derramado e subo até vós.”

Soneto do Mês

ÁRIA DO AMOR

Murilo Araújo



O amor?! Que sei do amor? Meus amores duraram um sorriso de réu e um solução de rei.

Ó almas que colhi – que ventos vos levaram?
Ó névoas do outro céu – quando vos reverei?

E tantas – ah! bem sei – longamente me olharam!...
(São essas cujo olhar nunca mais olharei).

E tantas eu venci! Por que se me entregaram?!
São as que mais perdi e as que menos amei!

O amor?! Que sei do amor? Deslumbramento e ânsia...
É um anjo que me enflora e que chora à distância...
meu sorriso de réu... meu solução de rei...

E as damas que mal vi num momento e passaram
são as que mais sonhei – são as que nem sonharam
quanto amor imortal eu lhes consagrei!

(Seleção de Napoleão Valadares)



Associação Nacional de Escritores

www.anenet.com.br

SEPS EQS 707/907 Bloco F – Edifício Escritor Almeida Fischer
CEP 70390-078 – Brasília – DF
Telefones: (61) 3443-8207 / 3242-3642
E-mail: contato.anedf@anenet.com.br @associacaonacionaldeescritores

30ª DIRETORIA
2021-2023

Presidente: Fabio de Sousa Coutinho
1º Vice-Presidente: Edmilson Caminha
2º Vice-Presidente: Sônia Helena
Secretária-Geral: Kátia Luzia Lima Ferreira
1ª Secretária: Vera Lúcia de Oliveira
2ª Secretária: Noélia Ribeiro
1º Tesoureiro: Gilmar Duarte Rocha

2º Tesoureiro: Ariovaldo Pereira de Souza
Diretor de Biblioteca: Salomão Sousa
Diretor de Cursos: Roberto Minadeo
Diretora de Divulgação: Sandra Maria
Diretor de Edições: Afonso Ligório
Conselho Administrativo e Fiscal: Adirson Vasconcelos, Anderson Braga Horta, Daniilo Gomes, José Carlos Brandi Aleixo, José Jeronimo Rivera, Napoleão Valadares e Ronaldo Costa Fernandes

JORNAL da ANE nº 114 – agosto/setembro 2022

Editor

Afonso Ligório Pires de Carvalho
(Reg. FENAJ nº 286)

Revisão

Napoleão Valadares

Conselho Editorial

Adirson Vasconcelos, Anderson Braga Horta,
Daniilo Gomes, Edmilson Caminha e
Fabio de Sousa Coutinho

Programação Visual

Cláudia Gomes e Rosângela Trindade

Impressão: Editora Otimismo Ltda.

SIBS Qd. 03 - Conj. C - Lt. 26 - N. Bandeirante, Brasília-DF - CEP: 71736-303
(61) 98626-2636 - 3386-0459 - grupoeditoraotimismo@gmail.com

Toda colaboração não solicitada será submetida ao Conselho Editorial.

O BRASIL CAMINHA

Manoel Hygino dos Santos

O título é *O romancista que não matou Brizola*, livro assinado por Edmilson Caminha, contendo artigos e crônicas, que exigem tempo e atenção do leitor, já acostumado à útil convivência com o escritor, jornalista e professor, nascido em Fortaleza, Ceará, é claro.

O que Caminha escreve agrada aos sentimentos e espírito. Elucidam, esclarecem, permitem julgamento dos fatos descritos, como na publicação da Sarau das Letras Editora, de Mossoró, RN, neste 2022 que evolui para o caso. São dezenas de temas com numerosos episódios e personagens, inclusive a que serviu de título: Oswaldo França Junior, piloto da Aeronáutica, que conheci quando trabalhava na Manchete, foi um dos incumbidos de atacar o palácio do governo, em Porto Alegre, durante a ditadura militar, a fim de eliminar Leonel Brizola, líder do movimento de enfrentamento

dos contrários ao movimento dos generais rebeldes de 1964.

Homem de seu tempo, como está na orelha, Edmilson Caminha não se cala diante do Brasil deste nosso tempo. Diz o texto que o bicentenário da Independência, em 2022, prevê eleição que poderá ter significado histórico para a política brasileira. E é verdade, permitindo-nos ou obrigando-nos, a todos, a nos manifestar, sobre a campanha que se desenvolve e como se revelam os candidatos, no cenário polarizado e extremamente delicado; ou ameaçador.

O novo livro de Edmilson não é para biblioteca, para onde irá depois. Neste momento, expõe imparcialidade na opinião e poderia ser comentado com as frases iniciais: “Penso no Brasil dos últimos cem anos, e duas frases me ocorrem. A primeira, com a lucidez aguda de Nelson Rodrigues: “Subdesenvolvimento não

se improvisa, é obra de séculos”; a outra, com o cinismo irônico de Delfim Netto: “Estamos passando por um século muito difícil...”, como se não fosse ele corresponsável pelo que ainda hoje nos faz sofrer o golpe de 1964”.

Ditas e repetidas as declarações, achadas conforme ou não, cumpre-se o dever cívico e saudável de passar à leitura, aprazível e esclarecedora, da nova e preciosa obra do autor cearense. Nada de perder tempo, porque Edmilson nos reserva inclusive revelações relevantes, como as referentes ao Dicionário do Aurélio, que não se trata de criação única e exclusiva do mestre Buarque de Holanda.

A menos de sessenta dias para o pleito, os fatos e os conceitos que sugerem servem incontestavelmente para julgamento de acontecimentos de agora e poderão influir no sentido de se votar com segurança de escolher os melhores para os dias turvos que atravessamos.

FIGURAS DO PIAUÍ

Enéas Athanázio

Em seu livro *Redescobrimo o Brasil* (Editora Panda – S. Paulo), a repórter paulista Rebeca Kritsch registra os aspectos mais curiosos de sua caminhada solitária e corajosa por todo o Brasil, em 185 metros de texto, numa viagem que durou cerca de ano e meio. Percorreu mais de 50 mil quilômetros, o equivalente a pouco mais que uma volta no planeta, a maioria deles ao volante de carros. Mas também andou em todos os transportes possíveis, embrenhando-se nos lugares mais ermos e esquecidos do território nacional. Apesar dos relatos interessantes e aventureiros, das situações engraçadas e das peripécias vividas, das paisagens descritas e da forma hospitaleira com que sempre foi recebida, o livro deixa, ao final da leitura, o sabor algo amargo de um país em decadência, com o povo abandonado e entregue à própria sorte, lutando como pode pela sobrevivência e acreditando, apesar de tudo, num futuro melhor.

Dentre tantas terras percorridas, o Piauí é tratado pela autora com a maior simpatia e ocupa algumas das melhores páginas do livro. Ela não se cansa de ressaltar a amabilidade dos piauienses, a beleza de tantos lugares e a movimentada noite de Teresina. Acima de tudo, destaca de forma especial algumas figuras piauienses dignas de nota pelas suas atividades, modo de agir e de pensar.

Diversas delas mereceram até capítulos inteiros, aqui comentadas porque é bem possível que não sejam sequer conhecidas pelos próprios piauienses em geral.

O primeiro deles é Samuel Dourado Guerra, morador da cidade de Curimatá, no sul do Estado. Esse pesquisador incansável dedicou a vida à composição de um dicionário diferente, a que denominou *Dicionário de Termos Especiais*, agrupando “em torno de palavras-chaves os mais variados termos derivados delas ou a elas relacionados.” Com 150 mil verbetes, datilografados em sete mil páginas, o livro ainda estava inédito quando a autora visitou o dicionarista, então com 86 anos de idade. Apesar das muitas promessas, não conseguiu publicar o trabalho, embora sem jamais perder a esperança, registrada no respectivo verbete como “temporizar, adiar, delongar, aguardar ocasião mais favorável ou propícia.” Vamos torcer para que o livro de Rebeca provoque o surgimento dessa ocasião propícia e o dicionário venha a lume.

Paulo Severiano dos Santos, por sua vez, encontrou a felicidade no Piauí, mais precisamente em Morro Cabeça no Tempo, também no sul. Depois de malograda experiência paulistana, onde catava frutas na feira com um carrinho-de-mão, mergulhou no vício das drogas e esteve a um passo da perdição total.

Com esforço e ajuda de parentes, embrenhou-se no chão piauiense e ali trabalha na roça, pela qual se diz apaixonado, e sem a menor intenção de sair. Para completar a felicidade, arranjou uma namorada com quem pretende se casar na igreja e na lei. Forte, alegre e disposto, nem de longe aparenta um ex-viciado. O Piauí lhe fez bem ao corpo e à alma.

José Cardoso da Silva, mais conhecido como Zé Didor, e Hermínio Antonio da Silva também comparecem. O primeiro, morador de Campo Maior, formou um dos maiores museus privados do país, com cerca de 11 mil peças, inclusive os carrinhos de bebês das famosas irmãs gêmeas Zezé e Zuzu. Todos esses objetos, entre os quais há raridades e coisas bizarras, se esparramam pela casa e seus anexos, esperando alguma forma de ajuda para transformá-lo em verdadeiro museu. O segundo, habitante de Oeiras, a antiga capital, aplica tudo que ganha com sua aposentadoria em objetos os mais variados, inclusive carros antigos, muitos de valor duvidoso. Temeroso de que surja outro “currelito” à brasileira, julga mais seguro imobilizar o dinheiro, mesmo lotando os pátios da casa, porque poderá vendê-los quando necessitar. Quem já viveu bastante não poderá dizer que seus receios sejam infundados.

UM ACERVO DE EMOÇÕES

Luiz César Lima Costa

França é a seleção campeã do mundo e agora o álbum está completo. A última figurinha é a do jogador Kwon Changhoon, da Coreia, conquistada ao câmbio de 7x1.

A final contra a Croácia é assistida na casa do avô, irritado, ainda, com a derrota do Brasil para a Bélgica nas quartas de final – *faltou coração aos nossos jogadores, garra, tônus muscular e cerebral... são uns pernas de pau, jogaram de sapato alto! Os ingleses inventaram o futebol, nós ensinamos o mundo a jogar!*

Com tais impropérios deixou a sala naquele dia horroroso e recolheu-se. Queria a vitória para o neto e pergunta se Felipe verá conquistas como as de 58, 62, 70, 94, 2002.

Felipe assimila golpes no esporte e na vida. Engoliu seco e chorou para dentro na desclassificação do Brasil. Levado pelo pai, que acreditava numa surpresa, apostou na Croácia. Nova derrota. Perder e ganhar...

Agora folheia o álbum como quem se despede de um amigo e num *back up* sentimental repassa as seleções e arquiva imagens, cores e símbolos – *adeus Rússia de Babel, Tchekhov, Kutepov e do amigo de Zorba, tchau Moscou, Rostov-On-Don, Sochi, Volgograd... passar bem Mohammed Al-Beraik, bye-bye Egito, Uruguai, Marrocos, Nigéria, Suíça, Sérvia, Tunísia, Polônia, Senegal, Colômbia e Brasil de todas as copas: Brazil, Brasilien, Brésil, Brasile, Brazilië, Brazilya, Brazylia.*

Felipe cerra o álbum e vai ao encontro do avô na biblioteca.

- Oi, vô, posso entrar?
- Entra, “Você não precisa pedir licença”.
- Gostou da final?
- Venceram os melhores... *Dieu est de côté des bataillons qui tirent le mieux*, disse Voltaire. Compreende?
- Não.
- *Who shoot best* – o avô aponta e mira.
- Que atira melhor?
- Sim ... está do lado da seleção que faz mais gols.
- Acabou a copa...
- Sim, acabou! Ao Catar! Você estará com quantos anos?
- 13. E você?
- Não sei. “Hoje já não faço anos. Duro. Somam-se-me dias...”
- Que triste, vô! Eu trouxe o álbum pra levantar seu astral e alegrar a biblioteca. Ele pode ficar aqui? É meu e seu.
- É nosso! – o avô levanta-se, agradece, beija e abraça o neto.
- Gostava que ficasse junto aos álbuns que formei quando criança e na juventude. Você terá seu lugar neste santuário, será o espaço do Felipe.
- Obrigado, vô. Ele também é um livro!
- Há um acervo de emoções... – Alcibiades caminha em direção à porta e *c'est fini pour aujourd'hui*.

SER PAI

Cícero Avelar F. Sá

No auge da minha juventude, nos tempos áureos entre os 25 e 30 anos, quando eu ainda não tinha uma plena consciência de como transitavam os ventos da vida, eu aspirava ser pai. Pensava somente na parte mais lúdica e prazenteira da paternidade. Isso mesmo, eu enxergava uma paternidade daquelas que eu conhecia no nordeste do Brasil, terra onde nasci. Famílias numerosas, muitos filhos, casa alegre, com irmãos ajudando os pais, cuidando dos irmãos mais novos. Isso mesmo, quando mais crescidos os irmãos mais velhos se tornavam verdadeiros líderes para os mais novos. Esta era uma pequena visão que eu tinha do que era uma família e a imagem de pai que visitava o meu pensamento. Finalmente, após caminhar por estradas tortuosas e carregar muitos fardos para colocar na construção de uma família, cheguei ao casamento no limiar dos meus 32 anos de vida.

Ao começar a nova jornada, senti a diferença entre os devaneios dos pensamentos no campo das ondas mentais, e a estrada com o piso são as paredes concretas da nossa realidade cotidiana. Foi como sentar-se no chão, à sombra de grande árvore e sentir a natureza trazer para dentro de mim um misto de sonho com uma realidade desconhecida, mas que deixava para que o passar dos dias me trouxesse o complemento para acrescentar ao meu sonho de ser pai, uma essência que me seria dada a cada dia, em pequenas doses, mas somente depois da chegada do primeiro filho. E foi assim, finalmente que fui descobrindo que ser pai está muito além do nosso querer. Os sonhos não se concretizam como imaginamos, mas ao final, depois de muitos anos, é que iremos descobrir. Ser pai requer muito mais de nós, não só a comunhão com outro ser de sexo oposto que se proponha a dividir as tarefas, imprimir nossas forças e derramar nosso amor como tempero final. Após o nascimento é que começa toda nossa tarefa, na construção e encaminhamento de uma vida que, como diz Kalil Gibran, é uma flecha lançada ao espaço, com trajetória própria e que não possui a obrigatoriedade de dar continuidade às nossas vidas, porque a vida não anda pra trás.

SUCUPIRA

Napoleão Valadares

Neste setembro a flor da sucupira veio mais roxa, mais viçosa, mais cheia de encantos. E ninguém me tira que ela assim veio pra acalmar meus ais.

Este azul mais azul que azul-safira tem os ares das coisas naturais que embalam o tanger da minha lira e inspiram os meus pobres madrigais.

Ah! sucupira! buquê do cerrado, pulcra visão, sorriso da natura que o céu orvalha com sereno. Tem

o olhar das nuvens – puro e abençoado – e tem do Sol a cálida ternura que se traduz por vida – o grande bem.

O HOMEM DE VERMELHO

Gilmar Duarte Rocha

A Bahia sempre foi pródiga em figuras folclóricas, como capoeiristas, políticos polêmicos, músicos transcendentais, artistas de rua, marinheiros, coronéis, artesãos, cantadores, macumbeiros, mães-de-santo, bandoleiros e punquiastas.

Muitos deles serviram de personagens para a ficção nos cinemas e nos livros. O exemplo maior talvez tenha sido Quincas Berro D'Água, o famoso defunto cachaceiro de Jorge Amado, que certamente foi abduzido das ruas para as páginas da famosa novela do talentoso romancista numa das andanças do escritor pelo Largo do Pelourinho, Ladeira da Montanha, Rua Chile, Baixa dos Sapateiros ou qualquer outro lugar do (hoje) centro antigo da capital baiana.

Duas personagens reais, de carne osso, que habitaram as ruas da velha São Salvador, ficaram marcadas na minha memória para sempre: uma, a Mulher de Roxo, que perambulava noite e dia pelas ruas do centro velho, trajando uma roupa do século XVIII e andando como um zumbi pelas vielas anosas, sem dizer quase nada, sem pedir quase nada, sem oferecer quase nada. Essa estranha mulher foi conduzida para as páginas do romanceio através do primoroso livro da escritora Patrícia Sá Moura (*Mulher de Roxo – Retrato de um mito*, Editora Alba, 2008), que detalha em pormenores a idiossincrasia e mistérios dessa velha senhora, que por muito tempo fez parte da cidade, assim como a estátua de Castro Alves, o relógio de São Pedro, os “ovos” de Luiz Vianna Filho, o chafariz da Ladeira da Fonte Nova. O outro personagem insólito, o Homem de Vermelho, é menos conhecido que a Mulher de Roxo, mas não menos intrigante e peculiar, e é ele, em especial, o objeto deste meu singelo texto.

Todo baiano que possui mais de cinco décadas de vida e que habitou a península itapagipana, localizada no extremo leste da cidade baixa, dentro do perímetro da baía de Todos os Santos, conheceu, já viu ou já ouviu falar do enigmático Homem de Vermelho, que não perambulava pelos bairros da península, mas tinha o sestro, com pontualidade londrina, de aparecer na região vestido inteiramente de vermelho, dos pés à cabeça, todo último santo dia de cada mês.

O homem negro, de quase dois metros de altura, com a carapinha pintada de preto anum, aparecia no Caminho de Areia, uma das principais vias do lugar, às sete horas da manhã em ponto, caminhando altivo e renitente, sob sol ou embaixo de chuva, com passos de marcha cívica e começava a circular em ziguezague por todas as ruas e vielas da península, a partir do Largo de Roma até a Ponta de Humaitá, no outro extremo daquele acidente geográfico.

O que aquele misterioso homem vinha fazer exatamente? Qual a sua missão?

Se fizéssemos uma viagem no tempo, e regressássemos à Salvador da década de 50, ou talvez a qualquer cidade do Brasil, veríamos que o SPC, Sistema de Proteção ao Crédito, estava engatinhando e andava de mãos atadas, face à precariedade dos meios de comunicação e à ausência quase completa de tecnologia. Ainda não existiam à época lojas de departamento, como Mesbla, que surgiria um par de décadas depois, ou lojas de eletrodomésticos em rede, como a tradicional Romelsa, que dominou o comércio varejista de eletrônicos da capital baiana por muito tempo. Havia, sim, uma loja de rádios e TVs na Rua Chile, outras duas na Avenida Sete; algumas lojas de móveis no Largo da Calçada; quatro casas de ferragens e material de construção na Ladeira do Taboão e outras casas de comércio que vendiam a termo e tinham certa dificuldade em notificar os clientes inadimplentes (vale frisar que o percentual de inadimplência, à época, não era tão grande como hoje) e o montante financiado era bancado quase sempre pelo próprio lojista.

Dentro desse contexto é que entra na história o nosso Homem de Vermelho. Como não se sabe se quem veio primeiro foi o ovo ou a galinha, a Bahia toda tentava entender se alguém havia recrutado e orientado o cidadão de traje carmim para realizar as andanças pelas ruas da península ou se ele se propôs a cumprir aquela esquisita romaria por obra e graça do destino. Então? E o que fazia o nosso andarilho no fim de cada mês?

Sempre com o papelote na mão e o lápis preso na orelha, ele caminhava pausadamente pelas ruas e vielas e parava de repente; olhava o papelote e olhava o número de uma casa em frente; se fossem coincidentes, ele ficava estacionado em frente à casa em questão, imóvel, estático, hirto, e não saía do lugar fizesse sol ou fizesse chuva. Uma autêntica estátua incomodativa. Não dizia nada para o proprietário da residência, não dava um pio sequer. Só ficava lá, em frente à casa, parado. Por tempo indeterminado. Poderia ficar 2, 10 minutos, meia, uma hora, ou até o dia inteiro.

Vixe. José de Carminha está devendo a Deus e o mundo, poderia ter sido um comentário maldoso de um vizinho fofoqueiro.

Aquele dinheiro que você prometeu a fulano, sicrano, pode esquecer. Olha lá o vermelhão em frente à casa dele, seria um conselho de algum desafeto do vizinho.

O preto de vermelho esteve hoje em frente à casa de Capixaba, diria um frequentador assíduo do bar da esquina a cada companheiro de cachaça que entrasse no estabelecimento.

Essa era, de fato, a missão do Homem de Vermelho: constranger, de forma passiva, um cidadão possivelmente inadimplente na praça. E o resultado geralmente era exitoso, pois o Homem

de Vermelho, na sua jornada do mês seguinte, dificilmente parava em frente de uma casa em que ele havia estacionado em frente no mês anterior, pois o povo humilde — especialmente o baiano — é honesto e cioso de seus compromissos e preza muito pela sua reputação, ainda mais vivendo numa comunidade onde a língua do povo guarda todo o veneno do mundo.

Mais uma história da Bahia, de todos os santos, de todos os cantos, encantos, mistérios, misticismo e fé.

O ACRE NEGÓCIO DE VIVER

Ronaldo Costa Fernandes

Este ano melhorei minha safra;
em outros, me avinagrei.
Então vem o malefício da dúvida
e daninha a sementeira.
Ando por aí fora de época,
no acre negócio de viver.
Depois pondero: nada a reclamar.
Me irrigo,
as palavras sem caroço,
ainda me colho.
Cantarolo solo árido
e brotam filhos na colheita.
A cada semana podoo minhas unhas
e a cada mês os cabelos.
Sempre estou de muda.

(do livro *A invenção do passado*, 7Letras, 2022)

CECÍLIA MEIRELES Mardson Soares

Quando vierem outros deuses à tua vindima
Saciados estarão na tua papila e no teu vinhedo
Que não és helênica, nem do Eufrates e do Tigre
Alta voz da Língua és, brasileira.

Quem das naus do Olimpo não te confirmará?
No Atlântico ou no Índico é inscrito o teu nome
Razão que basta e verdade é no tempo:
Cânticos, sabedoria e conselho.

OS PULMÕES CHEIOS DE GÁS LACRIMOGÊNICO

Salomão Sousa

Dois livros retratam com grande extensão o posicionamento do indivíduo dentro do processo histórico em eventos marcantes da história da Humanidade. Apesar da busca de resultados bem opostos durante esses dois eventos (Nazismo e Revolução Francesa), o método usado foi idêntico: o morticínio em massa pela câmara de gás e pela guilhotina. Portanto, esses livros servem para busca de compreensão da consciência dos indivíduos tanto nos momentos extremados e autoritários quanto nos movimentos de resistência aos governos totalitários.

São *Eichmann em Jerusalém*, de Hannah Arendt, que aborda as atividades de Eichmann (figura real) dentro do nazismo, com a autora mostrando que ele detém mente normal; e *Os deuses têm sede*, de Anatole France, que acompanha a vida de Évariste Gamelin (personagem fictício), membro do Tribunal Revolucionário, instalado na época do “Terror” da Revolução Francesa. Os dois livros ilustram o debate de Zygmunt Bauman sobre a moralidade do homem atual.

Interessa-nos o romance de Anatole France – conforme lista preparada por estudiosos, um dos cinquenta livros de ficção que tratam de fatos históricos mais importantes do Século XX; bem como uma das obras recomendadas por Afrânio Coutinho, pois retrata, igualmente, o homem com personalidade normal, que envia magotes de adversários à guilhotina sem que isso afete seu comportamento familiar e social ou provoque abalos em sua consciência:

Ao som dos sinos e dos tambores, ele dá seu veredito com os colegas e corre para casa para abraçar sua mãe e pegar sua echarpe.

O cidadão Gamelin é indicado para o Tribunal Revolucionário num momento em que as finanças de sua família estão depauperadas, pois os trabalhos artísticos que produz deixaram de atender às diretrizes dos jacobinos. Após assumir as funções de juiz, que desempenha sem grandes questionamentos, pois, para condenar, conta com os indícios apontados pelos delatores. Basta analisar o delatado com o olhar para firmar consciência de que pode assinar o veredito de enviá-lo à guilhotina.

De posse do cargo, passa a dar vereditos que cumprem as suas próprias vinganças. Manda, injustamente, à guilhotina Jacques Maubel, por entender que ele tirou a virgindade de Élodie, sua amante; bem como Chassagne, amante de sua irmã Julie. A sua irmã chega a pedir à mãe para interceder junto ao irmão em favor de seu amado, mas os interesses financeiros da família sobrepõem-se aos ditames da consciência. Para negar atendimento à solicitação da filha, lembra

que, se acontecer alguma coisa a Gamelin: *Eu estaria morta de miséria e fome.*

Assistimos, portanto, ao longo da história, a ação dos indivíduos que, tão logo juram ação justa sob o olhar da população em rede nacional, com as mãos estendidas sobre a Constituição, desvirtuam os propósitos da justiça e da nacionalidade, contrariando inclusive a própria consciência. Acima da consciência, está a proteção dos próprios interesses e de seu grupo por uma acordada “rede de proteção”.

Recentemente, ao trocar impressões com um indivíduo da elite do agronegócio sobre a elevação do dólar, que resultou no sumiço de itens da cesta básica das prateleiras do comércio, trazendo fome às pessoas de baixa renda, recebi resposta semelhante àquela da mãe de Gamelin: *Não me preocupo. Basta eu dar um telefonema e a picanha chega à minha mesa, nem que ela tenha de vir do exterior.*

Nenhum processo revolucionário ou eletivo – é o caso de se indagar – garante que o indivíduo que assume o poder cumprirá os ditames de sua consciência ou contribuirá para elevar o nível cultural de um país? Em determinada altura da narrativa do romance de Anatole France, certo personagem diz a um livreiro que (cinco anos após a Revolução Francesa) os livros de ciências sociais devem estar sendo bastante procurados. O livreiro afirma que os leitores continuam interessados em outras leituras e, para justificar, puxa um romance sob o balcão cujo título indica conteúdo libertino.

É o caso de complementar Zygmunt Bauman, que diz que as ideias de “bolchevismo”, “fascismo” ou “totalitarismo” não existiam quando Anatole France escreveu *Os deuses têm sede*. No entanto, existia o termo “Absolutismo”, que a Revolução Francesa veio para botar abaixo. O Absolutismo corresponde aos governos do “mandante total” da modernidade, que não quer distribuir o poder com o Judiciário e o Legislativo, sempre com “total desprezo pela natureza e pela verdade” (*sic* Zygmunt). Importante lembrar que a separação dos três poderes também é um instituto democrático herdado da Revolução Francesa.

Esses regimes absolutos sempre encontram sequazes dispostos a trabalhar para “tiranos”, como o próprio Bauman reconhece nos debates do livro *Cegueira Moral*. Ele cita Cioran, para quem os jovens da era Robespierre e Marat *expressaram a doutrina da intolerância e são eles que a colocaram em prática. São eles que estão sedentos – de sangue, tumulto, crueldade.* É o caso de estender as palavras de Cioran para os atuais Eichmanns e Gamelins, defensores da democracia tutelada por militares. Atuam tão próximos de nós que sentimos o cheiro de pólvora e os pulmões cheios de gás lacrimogênico.

DESFEITIÇO

Helena de Macedo

Mergulhei no conto e no canto de uma sereia, deixei-me entrelaçar, afogar numa promessa, qual marinheira fascinada, arrastada na rede.

Dei por mim já no fundo, emaranhada e sem ar.

O canto da sereia, das profundezas do mar para me seduzir, desfez-se em desencanto. Do sibilar deslumbrante nem eco, apenas o fundo negro entregue à solidão.

Um último fôlego trouxe-me de volta, a rede vazia de conto, de canto e de sereia; um nó muito cego como testemunha. Reduzido a lágrimas um coração apaixonado. Que tonto!

Como uma gata no alto do telhado ignorando a noite estrelada, consola-me o feitiço da Lua, perfeita musa para um amor desenganado contemplando a minha dança, ao som do silêncio ritmado pelo pulsar dilacerante da dor.

Sento-me, cansada de tentar enganar a firmeza das telhas. Olho para o céu. Percebo, finalmente, em cada estrela cintilante, um ponto de luz velando a minha escuridão enquanto o Sol não regressa. Um e outro revezam-se, agarrando-me à vida que procuro desperdiçar.

Compreendo a inflexibilidade do equilíbrio que não sinto, a teimosia das telhas em não me deixarem deslizar de volta ao fundo negro, memória apenas triste, fútil ante aquela inteligência tão subtil.

Afinal, o tempo passou e tudo levou, como uma nuvem carregada de lágrimas, trovões, raios e coriscos, empurrada por vendavais. Pobre de quem cruza o seu caminho!

Desanuviada, encontro o ânimo que pensava perdido no fundo do mar, títubeante, mas obstinado. Desafio a Lua e a sua magia, o canto da sereia, o alto traçoeiro do telhado; engano o ritmo do silêncio desencantado, as lágrimas embaçadas por um novo pulsar.

Ergo-me. Entrego-me de braços abertos à infinita sabedoria em respeitosa vênica. Entoo o canto liberta (do da) dor, à desgarrada. Um Fado, triste apenas por ser Fado.

E assim me desenfiteço.

PRÉ E PÓS PERIPANDÊMICOS

Francisco Miguel de Moura

Em poesia da melhor, por meio dos poetas **Luiz Ayrton Santos Junior, Leandro Cardoso Fernandes, Diego Mendes Sousa, Marcos Airton de Sousa Freitas e Rafael Nolêto**, chegamos esta transfigurada luta espiritual contra a Covid-19, cada um com sua voz ora suave, ora vibrante, ora em cílios, traduzindo em simples palavras que são versos, poemas, testemunhos e participantes da crise humanitária que abalou o mundo, nestes últimos anos e continua a preocupar, sabe Deus até quando.

Peripandêmicos, por ser uma simples antologia, fica difícil dizer da sua unidade estilisticamente, salvo aquela que se refere ao tempo, quando o mundo conviveu e convive ainda com o demoníaco vírus. Poetas como Diego Mendes Sousa, Marcos Airton de Sousa Freitas e Luiz Ayrton Santos Junior, este o organizador da obra, para citar apenas os três mais conhecidos do público, são a representação do que há de melhor e mais nitidamente poético nestes agudos tempos de sofrimento.

Assim vejo os cinco poetas componentes da obra, unidos pelo mesmo tema, onde aparecem até sonetos, provando a ambição de unir poéticas do passado, do presente, já apontadas para o futuro próximo e pouco previsto. Respeitado o que se denomina de estilos pessoais, o que mais importa para o público comum é o tema, a dor, a guerra contra o vírus, as lágrimas que eles transfiguram em versos como se diante dos caixões fechados dos entes queridos, mães, pais, avós, irmãos e tantos outros, mesmo sabedores de que “*palavra nenhuma suporta a dor da solidão*” (em brilhante excerto de Diego Mendes Sousa), eles confirmam o que disse outro grande poeta, o romântico-moderno Guilherme de Almeida: “*Há lágrimas que correm pela face / e outras que rolam pelo coração.*”

“*A poesia salva*”, tenho dito em outras partes, e agora acrescento que, sem poesia, o mundo fica mais pesado, mais triste, mais desumano. Poesia é beleza, é bondade, é a palavra virgem, na força que vem da alma e voa até aqueles que a ouvem ou imaginam. Não custa elogiar a poesia que vem para minorar a profunda dor que experimentamos física e socialmente, nesta pandemia, reunida em *Peripandêmicos*, formando uma espécie de epopeia da ultramodernidade, de autoria dos aedos já mencionados. Dizendo assim, faço a ligação que eles mesmos se fazem citando nas epígrafes dos seus poemas, nomes famosos como Carlos Drummond de Andrade, Antonio Carlos Secchin, Augusto Frederico Schmidt e outros da mesma estatura.

Embora seja por alguns momentos, a salvação pela poesia é necessária. E nesta obra os autores, por diversas formas, fazem sentir que a vez, a

voz e a cor da poesia podem minorar a solidão e mostram novo caminho para os passos que ainda haveremos de dar, em busca da vitória desta batalha e de outras que o mundo venha a nos oferecer.

PERIPANDÊMICOS é, realmente, uma obra forte e rica, admirável em todos os sentidos.

[a barra do dia irrompe em desatinos]

Marcos Freitas

[a barra do dia irrompe em desatinos]

a barra do dia irrompe em desatinos

absurdez de cores

e canto de bem-te-vi na manhã fria

no Japão as cerejeiras floresceram mais

cedo

aqui a janela do tempo

fez-se insana

e morredora

O TEMPO

Diego Mendes Sousa

O tempo ampara os seus anzóis ciganos
e o amanhecer desliza na alma

o relógio escorre descansado

a fuga

o horizonte

as procelas
desmornadas

e as reminiscências iradas
da solidão e as cicatrizes apavoradas
no infinito e as saudades no coração ofertadas

O tempo esfacela as suas iscas andarilhas
e o anoitecer desafia a alma

O tempo rouba o tempo
e nada se sabe do destino
nem do homem
o seu vazio

POEMAS DE NOÉLIA RIBEIRO

ASSIM NÃO VALE

O gerundiar das ondas
indo e voltando,
em oposição ao participio de viver.
O mar fluindo em tons de
azul, desidentificando-se com os
estampidos presos à memória.
O mar contando histórias.

Não vale a vida comprimida.
Não vale ter os ombros curvados ou
a febre irrompida pelo peso do mundo.

Aquiescer ao participio da existência
até o *gran finale*, sem compreender
o gerúndio das marés, não vale.
Assim não vale



SOBRE A DESISTÊNCIA

Prefere não saber

Prefere não sair

Os demônios que produzem estalos
em objetos da casa, às duas da manhã,
vaticinam a morte de seu país.

Preferiria não fazer

Preferiria não

Se o convocarem,
a decrepitude da alma usará como álibi.
Até chegar o tempo da vindima,
podem chamá-lo de Bartleby.

RIOS

Raquel Naveira

Gosto de observar os rios. O fluir das águas, a corrente da vida e da morte em direção ao oceano, a travessia de uma margem à outra. Os rios simbolizam sempre a existência humana com sua sucessão de desejos, sentimentos, intenções e variedade de desvios.

Heráclito meditou: “Aqueles que entram nos mesmos rios recebem a corrente de muitas e muitas águas e as almas exalam-se das substâncias úmidas”. Platão sintetizou: “Não conseguiríamos entrar duas vezes no mesmo rio.” A palavra “rios” no plural significa que existe um rio para cada homem que mergulhar em suas águas.

Fernando Pessoa escreveu os seguintes versos: O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia./Mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia./Porque o Tejo não é o rio que corre pela minha aldeia.

Minha terra, o Mato Grosso do Sul, é cheia de rios. Para cada uma de suas cidades existe um rio ou mais de um rio. Campo Grande foi fundada na confluência de dois córregos, mais tarde denominados Prosa e Segredo. O pioneiro José Antônio Pereira, com cinquenta anos de idade, natural de Minas Gerais, empreendeu sua primeira viagem rumo ao sul da então Província de Mato Grosso, à procura de campos para criar animais e matas para lavouras. Formou uma comitiva composta por cinco pessoas, dentre estas, seu filho Antônio Luiz, dois escravos (os irmãos João e Manoel) e Luiz Pinto, prático em viagens pelo sertão. Em 4 de março de 1872, a pequena caravana partiu de Minas em direção àquelas vastas campinas, trilhando os caminhos deixados pelos soldados que combateram os invasores do território brasileiro na Guerra do Paraguai. As águas daqueles rios foram o panorama ideal para a comitiva descansar e depois construir um rancho coberto de folhas de buriti. Hoje, o Prosa e o Segredo estão escondidos sob o asfalto, mas serviram de demarcação e início da futura capital.

*

O rio Paraguai, caudaloso como um mar, é responsável pela existência de duas cidades históricas: Corumbá e Porto Murtinho. Como é belo ver o rio Paraguai: a massa, a corrente, o volume veloz das águas sob o casco que singra aquele oceano doce, barrento, coalhado de camalotes. Verdes ilhas que a balsa tritura com se tivesse dentes. Do outro lado, está Corumbá, branca, caiada. Podemos ver o rio Paraguai da ribanceira de Porto Murtinho, enquanto esperamos uma chalana, um barquinho que nos leve à outra margem.

Também em Assunção, da sacada do castelo de Solano Lopes, vê-se o rio Paraguai. Seu sonho de ditador dissolvido em ondas de lama. Enfim, quando vemos o rio Paraguai entrecortando o Pantanal, formando canais pela Bacia do Prata, nossa alma se enche de melancolia, de canções, de histórias. Temos uma sensação estranha de sempre e de nunca mais.

*

Afluente do Paraguai, o Apa é o mais significativo referencial da cidade de Bela Vista, cenário da Retirada da Laguna, vizinha da cidade de Bela Vista do Paraguai. Às suas margens passei momentos inesquecíveis de minha infância e adolescência, viajando em pequenos barcos por suas águas ora verdes, ora pesadas de terra.

E o que seria de Aquidauana sem o rio Aquidauana que hoje a separa do município de Anastácio? E Miranda, Nioaque e Rio Brillante sem os rios do mesmo nome? A quem Dourados, a capital dos grãos, deve seu nome, senão ao rio Dourados, coalhado de peixes? Dá para imaginar Coxim sem o espumante Taquari? E Bonito sem as cachoeiras do Mimoso e do Formoso? E há o rio Perdido lá pelos lados de Caracol. O Mangaba e o Itá, a caminho da cidade de Antônio João. O rio irriga com ramificações finas e capilares toda a costa leste do Estado. Para mim, um dos sinônimos de felicidade é poder mergulhar num rio da minha terra, tomar banho de cachoeira, penetrar na massa das águas como quem retorna à Nascente divina.

No livro *O Tempo além do Tempo*, antologia de poemas de Ivan Junqueira, encontro o poema “O Rio”. O poeta define o rio como uma “língua bífida que lambe até o lodo e o limo das frinchas onde se enfia na terra.” Confessa que na infância não viu o rio, “mas só praias e penínsulas cheias de sol e maresia”, que aos quinze anos conheceu o “sensual Paraíba, com águas cor de ouro antigo.” Depois, adulto, mostra o desfile de rios de sua vida: os que cruzou, os que fluem pelo mundo. Lembra então o Eufrates, o Tigre, o “esfíngico” Nilo, o “Mississipi castanho e altivo” de T. S. Eliot; o “Tâmisa poluído”; o Sena esguio; o Arno, “grave e humilde”, onde Dante viu Beatriz; o russo Vístula em São Petersburgo; o austríaco Salzsach, “cujo azul lembra o da mais difusa opalina”; o Tejo das tágides de Camões; o rio primevo de onde “ninguém sai igual a si”. Ivan Junqueira louva os rios, onde tudo é vida e movimento.

*

Ah! Caro poeta, também louvo os rios de minha terra como se fossem vasos e artérias do meu próprio corpo.

FRONTEIRA ENTRE MUNDOS

Glauber Vieira Ferreira

Se hoje fosse explicar como saiu da Ucrânia e chegou à Polônia, Anne não saberia responder. Ela e a filha, com recém-completado um ano de vida, saíram às pressas de Mariupol, quando os russos iniciaram o bombardeio.

Inicialmente dirigindo o carro da família, abandonou-o em uma vila, quando percebeu estar prestes a ficar sem combustível.

A partir daí, contou com a ajuda de desconhecidos, e em um ônibus chegou à terra dos avós.

Olhando para trás, ainda próximo de Mariupol, via os canos de fumaça negra bailando no céu. Não sabia se ainda possuía pais, irmãos ou marido, este convocado para repelir os invasores.

Após alguns minutos de sossego nos arredores do posto de imigração, em Medyka, Anne viu uma pequena biblioteca em um ponto de ônibus. Entre os livros, localizou o de certa ucraniana que, junto com a família, fugiu de seu país em guerra para o Brasil.

“Chaya, conhecida no Brasil como Clarice Lispector... nascida em Chechelnik... Acho que

já passei por essa vila, a caminho de férias na Moldávia, Iryna”, conversava com a bebê, que dormia.

O livro era a versão polonesa de *Perto do coração selvagem*. Anne anotou em um papel o nome da obra e da autora. Não conseguiria folhear com atenção o livro naquele momento, mas sentiu-se identificada pelo título e pela história da origem da escritora.

“Refugiadas já somos, Iryna. Coração selvagem precisaremos desenvolver. Será que você será uma futura Clarice, minha pequena?”

POEMAS DE ANDERSON BRAGA HORTA

TRADUZIDOS POR CURT MEYER-CLASON

AÉREO

*O melhor de mim
está solto no vento.
Mãos, raízes, searas
e outras nuvens que invento.*

*Ai, o melhor de mim
no vento é que está.
Utopias, pandorgas
que menino avento.*

*Entretanto maduro
para todos os ares,
os semeio, e mais colho
aurassóis: cata-vento.*

*E, arando brisas, onde
me lamento, aí canto.
Pois o melhor de mim
frutifica no vento.*



ARMADILHA

*Que sinais cabalísticos são estes?
Este cenho franzido, os olhos flâneos,
o vago do gesto, este querer ter sido,
certeza da Perfeição atrás de invisíveis muralhas,
inquebráveis, posto que de vidro?
que a mão de balde força
e a mente em vão tateia, oculta porta?
Esta melancolia,
suave contentamento na tristeza,
gosto de sal e mel na boca?
Esta contradição na comissura
dos lábios, júbilo ascendente à destra,
descendente à sinistra?
Ó força em névoas
disseminada que, aspirando ao signo,
se condensa e concentra em golpe e grito
e afinal se traduz, restrita e clara,
neste ríctus que amor transforma em rito!*



LUFTIG

*Das Beste an mir
steht lose im Wind.
Hände, Wurzeln, Ernten
und andere Wolken, die ich erfinde.*

*Ach, das Beste an mir
im Wind ist, was da ist.
Utopien, Papierdrachen,
die ich als Kind aufspüre.*

*Mittlerweile reife ich
für alle Lüfte,
säe ich sie und ernte noch
Hauchsonnen: Wetterfahne.*

*Und Windstöße durchfurchend,
singe ich dort, wo ich mich beklage.
Denn das Beste von mir
trägt Frucht im Wind.*



FALLE

*Was für kabalistische Zeichen sind diese?
Diese krause Miene, die flammenden Augen,
das Unbestimmte der Gebärde, dies Gewesen-Sein-Wollen,
Gewissheit der Vollkommenheit hinter unsichtbaren,
unzerbrechlichen Mauern, sofern aus Glas?
Welche die Hand vergeblich presst
und der Geist umsonst betastet, verborgene Tür?
Diese Schwermut,
sanfte Befriedigung in der Traurigkeit,
Salz- und Honiggeschmack im Mund?
Dieser Widerspruch in der Naht
der Lippen, rechts aufsteigender,
links absteigender Jubel?
Ach in Nebeln
zerstreute Kraft die, das Zeichen erstrebend,
sich verdichtet und versammelt zu Schlag und Schrei
und sich schließlich, enger und klar,
in dieses Lachen übersetzt, das Liebe zum Ritus wandelt!*

SINFONIA PARA UMA SOPRANO BAILARINA

Vitorino de Sousa

1º Andamento: Allegro Vivace

Corre a chita pla savana atrás da cria da gazela.
É espantosa a velocidade deste animal
(afinal, que outro que corre mais do que ela)
até no acto da morte que vai ser executada.
No seu voo raso, expõe a alegria da elegância.

Sou como ela quando, sem a pompa da arrogância,
ascendo, leve, no ar e solto a minha voz de cristal.
Sou tanto a chita, que se dobra na curva apertada,
como a ventania que, adernando a frágil caravela,
no seu cordame retesado faz aguda ressonância.

2º Andamento: Adagio

Depois do rápido torvelinho acalmar a sua ânsia,
a chita arrasta a presa pra junto da ninhada.
Para os seus filhotes é um retorno fundamental
porque a fome, dentro deles, há muito martela.
Ao longe, a mãe gazela chora a sua filha caçada.

Desce o pano depois da minha dança cantada.
Como a chita, descanso do esforço habitual
e aprecio a respiração que o coração nivela.
Como a mãe gazela lamento, mas a distância
que se gerou entre mim e a plateia fascinada.

3º Andamento: Menuetto

A chita cerra o olhar cansado e, na circunstância,
revê a sua dança atrás da carne viva da gazela.
As suas crias, caídas numa doce entrega total,
dormitam. E dançam já na sua primeira caçada
que o instinto, chegada a hora, sempre revela.

Eu, calada, desfruto da pausa e da sua relevância.
Fechando os olhos, sei que não há hora como aquela.
Então, agradeço ser bailarina soprano, algo original
neste país de sonho que estima a novidade revelada.
E quem a inovação aprecia, sua cultura remodela.

4º Andamento: Finale - Andante

A chita está de novo alerta. Atenta, dá uma olhadela
ao que se passa à sua volta. Anota muita abundância.
Descansada, repõe a cabeça na posição horizontal
e abana a longa cauda (que nunca está sossegada)
por cima dos seus meninos, no melhor da sua infância.

Eu limpo o rosto e mudo de roupa com relutância.
Por hoje, terminou mais este inesquecível recital
que faz de mim uma soprano que canta 'a capela'
e uma bailarina bem preparada que, dançando, sela
o canto e a dança com o selo essencial da tolerância.

NOITE DE AUTÓGRAFOS

Roberto Minadeo

Em plena noite de autógrafos, há um imenso burburinho. Afinal, dezenas de amigos do autor se fazem presentes.

Há um engano: não se pretende comprar um livro para “ajudar”. Nada disso, um autor não precisa de ajuda. Sua alegria já é completa pelo simples fato de lançar um livro. Gostaria de ser rico para sair distribuindo mundo afora milhares e milhares de exemplares.

Os amigos do autor querem uma cópia autografada. Quem comparece a um evento como esse pretende que em sua modesta coleção de livros autografados haja um que venha a fazer um enorme sucesso.

O que seria do mundo sem os sonhos? Então há dois paralelos: o autor quer ter um livro que tenha grande reconhecimento. Enquanto isso, os amigos dos autores querem ter ao menos comprado um livro em noite de autógrafos que chegue aos píncaros da glória.

Antunes não era um escritor e jamais chegaria a fazer sucesso em qualquer coisa. Suas habilidades eram centradas em algo bem mais sombrio: descobrir o ponto fraco das pessoas e

adulá-las de modo a obter alguns míseros minutos de atenção.

Nas noites de autógrafos, o Antunes era esplêndido. Aos desavisados, parecia ser o “pai da noiva”, o mais importante parente do autor.

E o que fazia tal espírito do mal?

Nada de muito especial. Aproximava-se sorrateiramente das pessoas, conversava rapidamente, elogiava o autor e sua obra, falava bem de gente de destaque presente ao evento. Ao primeiro momento de distração, roubava livros autografados.

Não era pobre, nada disso. Sua paixão era dupla: fazer uma coleção com inúmeros autógrafos de cada evento.

Alguém perguntaria pela graça de livros dedicados a outras pessoas. Estaria ele montando um sebo?

Nada disso, o Antunes gostava de privar as pessoas do livro comprado na noite de autógrafos pelo simples prazer de provocar desprazer, de sair de fininho com alguns livros surrupiados em sua bolsa.

Claro que ele dispunha em sua casa de uma boa biblioteca. Aliás, de duas. Uma com as obras “normais”, as que podia exibir aos amigos – pois

nunca lia. A outra era formada pelo “caixa dois”, pelos livros roubados; ficava no subsolo, ao lado da adega, sendo acessível apenas a ele, mediante uma porta secreta atrás de um armário giratório, isso mesmo, coisa de filme de detetives dos velhos tempos.

Enfim, deram pela falta do ardiloso Antunes. Todavia, sem corpo não há crime. Após alguns dias de buscas em sua casa, os policiais e bombeiros desistiram, julgando-o sumido em qualquer lugar obscuro.

Exatos três meses depois, em função do odor exalado pelo corpo, os bombeiros romperam a porta secreta, levaram os restos mortais ao IML, constatando morte por provável parada cardíaca – dada a impossibilidade de maior precisão após tanto tempo. Os livros do “caixa dois” foram descobertos.

Pobre Antunes! Sua infâmia foi devassada: cada livro apresentava o nome de seu dono e a data da aquisição, que coincidia com a do lançamento. Um justo juiz decidiu liquidar o patrimônio e dividi-lo por todos os que foram lesados ao longo de tantos anos de suas modestas contribuições aos autores das noites de autógrafos.

POLIGLOTA DO SILÊNCIO

sôniahelenah

Sempre fiz várias coisas simultâneas. Leio e ouço música, escrevo e respondo às perguntas que me fazem, vejo televisão e monto quebra-cabeças e por aí vai.

Na minha juventude, era o mesmo. Fazia o curso colegial, depois a graduação em Letras Modernas (inglês e italiano), antes de cursar Arquitetura, estudava francês e alemão, dava aulas de inglês, tentava aprender piano e praticava algum esporte. Isso significava que pouco ficava em casa. Levantava-me logo depois das seis horas da manhã para me preparar e sair para a escola às sete, pois eu ia a pé e as aulas começavam às sete e meia.

Passava em casa, rapidamente, entre o meio-dia e uma da tarde, para deixar ou trocar o material escolar e saía em seguida. Muitas vezes nem ia em casa; já saía de manhã com tudo o que precisaria durante o dia. Voltava a casa por volta das cinco e meia da tarde, para um banho, um lanche rápido e nova saída, para o meu terceiro turno de atividades fora de casa.

Quando chegava à noite, um pouco depois das dez, muitas vezes já encontrava todos deitados. Não foram raras as vezes que conversei

com meu pai por meio de bilhetes que deixava com a minha mãe para entregar a ele e obter a resposta. Nossos horários raramente coincidiam.

Nos intervalos que passava em casa, a minha mãe gostava de comentar os fatos do dia, alguma notícia da família, um acontecimento político ou social. Eu ia cuidando de organizar as minhas coisas e ela ia me acompanhando e fazendo os seus comentários. Com frequência, dizia: — *Sei que você não é de conversar muito, mas vou lhe contando as coisas, mesmo assim*, ao que eu lhe respondia: — *Desculpe-me, mas tenho muito pouco tempo; devo sair logo, mas não se interrompa, por favor. Vá me contando tudo*.

Essa cena repetia-se com frequência, até que num determinado dia ela precisava de mais tempo para comentar os fatos comigo, mas eu seguia apressada preparando as minhas coisas. Em um dos raros momentos de impaciência, ela desabafou:

– Não sei para que você estuda tantas línguas, se não conversa. Só se for para aprender a ficar em silêncio em todas elas.

CORONAVÍRUS E A LEI DO AMOR

Jolimar Corrêa Pinto

Mediante convocação de seu Coordenador, o Apóstolo Magno, reuniu-se o Conselho Consultivo, Deliberativo e Executivo da Ordem de Paz e Harmonia Universal. O líder conectou-se espiritualmente com os demais membros e iniciou uma exposição analítica mais ou menos nos termos seguintes:

O Planeta Azul – laboratório destinado ao desenvolvimento de um projeto de comunhão entre espírito e matéria, visando ao aperfeiçoamento físico, intelectual, técnico, moral e espiritual, alcançou um tal estágio evolutivo que tem propiciado desequilíbrios comprometedores do prosseguimento do projeto em relação à espécie humana e, conseqüentemente, aos demais seres vivos. Uma das condições necessárias ao êxito do projeto foi a concessão do exercício do livre arbítrio, o diferencial com relação às demais espécies. Essa liberdade mental propiciou à humanidade o alcance de tal nível científico, com tal capacidade criativa que veio a produzir – além de instrumentais destinados ao conforto da humanidade – artefatos com poder de aniquilar a vida. O desenvolvimento moral e espiritual não acompanhou o aspecto material com os seus conseqüentários: a riqueza, a luta de classes, a disputa comercial entre pessoas e nações, os conflitos descontrolados, a guerra fratricida que pode conduzir a humanidade a um estado de desespero e a conseqüente apelação ao uso de armas nucleares, além da crescente degradação do meio ambiente. Ao lado disso,

compondo quadro de altíssimo perigo para a vida em todos os seus aspectos, recrudescem o uso de substâncias tóxicas com o poder de potencializar ou inibir as capacidades humanas, liberando instintos primitivos de forma desordenada, inconveniente.

Transcorridos apenas vinte translações em torno do seu sol, duas grandes guerras eclodiram com maiores ocorrências na Europa, sendo que a segunda incluiu parte do mundo oriental. Agora tudo se passa como o Planeta já esteve, isto é, a caminho de uma nova grande conflagração – que seria a mais destrutiva, talvez a última.

A dificuldade na manutenção de um estado de paz construtiva entre os povos tem ocasionado conflitos sangrentos em áreas localizadas, tenham como causa a cupidez da indústria armamentista, as divergências letais entre credos religiosos, as disputas para conquista de territórios...

Há uma indesejável regressão aos primórdios do processo evolutivo; reinstalou-se a lei do mais forte, ensejando possibilidades de extinção da espécie pelo poder nuclear.

Torna-se necessária uma providência que tenha conseqüências tais que venham a reverter essa tendência e abrir as consciências no sentido de vislumbrar as inevitáveis e terríveis ocorrências que nós, membros desse Conselho, já podemos perceber. Orientemo-nos pelas mais altas vibrações cósmicas em busca da Verdade.

Já enviamos espíritos da mais alta hierar-

quia com a missão de conscientizar a humanidade quanto à Lei do Amor, da Solidariedade, mas forças inerentes à condição da matéria inibiram a consolidação das doutrinas edificantes que objetivam enaltecer as práticas cooperativas, o oposto dos propósitos competitivos. A nossa ação diante desse quadro caótico deve constituir-se em um choque de grandes e sofridas conseqüências, de alcance mundial, socialmente abrangentes, indiscriminadas, razoavelmente duradouras, não seletivas. Deve ser digna de nosso nível espiritual, de efeitos tão poderosos quanto as causas.

Verifico que foi unânime a escolha pelo vírus.

Iremos impor um grande sacrifício aos ocupantes do Planeta Azul. Infectados ou não, todos serão penalizados. A decisão que acaba de ser compartilhada pelo Conselho foi considerada, diante da justificação dos votos, o único meio de purificação, na medida em que propiciará a futura e necessária solidariedade entre os humanos e as nações, a redenção pelo sofrimento que há de igualar humanos de todas as condições; em todas as latitudes. As perdas materiais serão recuperadas a médio prazo; as relações humanas serão preponderantemente regidas pela Lei do Amor

Quando a saúde física mundial vier a se recompor, todos haverão de reconhecer, a médio prazo, que o vírus que surgira tão inoportuno teria salvo a humanidade de uma terceira guerra mundial, a nuclear.

RETRATO DE CECÍLIA MEIRELES

M. Paulo Nunes

(☆ 1925 † 2021)

Sempre tive uma grande admiração pela poetisa Cecília Meireles (1901-1964), não apenas pela sua poesia, a partir da leitura de seu belo livro *Mar Absoluto e Outros Poemas* (1945), como ainda por sua fascinante figura humana das mais impressionantes que já vi. Creio que parte de minha admiração pela atriz Maria Fernanda decorre do fato de ser ela filha da autora de *Vaga Música*. Ao lado de grandes figuras da literatura contemporânea, como a chilena Gabriela Mistral, prêmio Nobel de Literatura, da portuguesa Florbela Espanca, da belga Marguerit Yourcenar, da inglesa Virginia Woolf e da neozelandeza Katherine Mansfield, que revolucionariam o romance e o conto modernos, e das brasileiras Lúcia Miguel Pereira, que foi casada com o grande historiador Octavio Tarquínio de Sousa, autor celebrado da *Vida de D. Pedro I*, e em companhia de quem morreria vítima de um desastre aéreo, Raquel de Queiroz e Lígia Fagundes Teles, assume ela posição de destaque no quadro de personalidades femininas da literatura atual, que nos deslumbram e fascinam.

Sua poesia corre paralelamente ao modernismo, vagamente influenciada pelo grupo espiritualista da revista *Festa*, cuja maior afirmação foi o poeta Tasso da Silveira. Representa ela, no panorama modernista, figura quase isolada, uma vez que sua poesia guarda um ascendente tradicionalista que se filia muito mais ao simbolismo do que ao movimento deflagrado pela Semana de Arte Moderna de 1922, de funda repercussão em nossas letras e artes.

Conforme agudamente já observara Andrade Murici, crítico de renome do simbolismo, em relação aos poemas publicados em 1925 e 1929, sua poesia já deixava entrever “a mais escarpada e selvagem solitude de alma, a mais atonal música poética da geração.” Para concluir: “Nenhum vestígio do seu esplendor visual, nessa poesia de veemente austeridade; só e só o ardor perdido de desesperança e misticismo, num universo vazio.” Nunca lhe esqueço aqueles versos admiráveis de *Mar Absoluto*: “Eu canto porque o instante existe / e minha vida está completa. / Não sou alegre nem sou triste; / sou poeta.”

Escreveu ainda Cecília como poetisa (recuso-me a usar em relação às mulheres a designação masculina de “poeta”) os seguintes livros, entre outros: *Viagem* (1939), *Vaga Música* (1942), *Retrato Natural* (1949), *Amor em Leonoreta* (1951), *Doze Noturnos da Holanda* e *O Aeronauta* (1952), *Romanceiro da Inconfidência* (1953) e *Poemas Escritos na Índia* (s.d.)

O *Jornal de Letras*, de Lisboa, em sua edição de quarta-feira (24.02.99), traz uma reportagem sobre a correspondência ativa de Cecília Meireles, trocada com o escritor açoriano Armando Cortez Rodrigues (1891-1971) que será dentro em breve publicada pelo Instituto Cultural de Ponte Delgada, capital dos Açores, com o título *Lição do Poema*.

A Correspondência de Cecília é interessantíssima, conforme se depreende da amostra de três cartas ali publicadas, porquanto, através dela, são revelados alguns aspectos do temperamento e da personalidade da escritora, de sua angústia e de seu sentimento de solidão, de sua inadaptação às misérias do cotidiano e ainda de seu fazer literário.

Pincei nela algumas passagens que ora aqui transcrevo para os admiradores da autora de *Baladas para El-Rei*, um de seus primeiros livros de poesia.

“Se eu não me enterrasse nos livros, morria de tédio, monotonia, desgosto. Ninguém vê que estou completamente desajustada no mundo. Meu marido às vezes diz que nasci ‘para viver com os anjinhos’ – mas di-lo mais com ironia do que a sério. E aumenta o meu desespero.” (Carta de 22 de fev. de 1949).

No fim dessa mesma carta ela diz estar “cansada de assistir às maldades humanas”.

Na carta de 30 de julho do mesmo ano, diz estar “... com o Romanceiro (da Inconfidência) em meio de um livro de canções demasiado líricas para as poder publicar”.

Conclui a carta com uma nota de funda melancolia e exagerada auto-crítica:

“...E eu não vejo nada na minha vida, não tenho desejo nem esperança – considero-me um fracasso total. Pode ser que seja neurastenia: Mas o mais provável é ter simplesmente uma visão clara e lúcida de mim mesma. Às vezes, creia, tinha vontade de escrever uma autobiografia. Mas o que teria de dizer dos outros – segundo a minha verdade – é tão cruel que me acode o escrúpulo de ser injusta, e prefiro desaparecer oprimida por estas aflições sem dizer-lhes a causa.” (Ob. op., cit. p. 7)

Em outra carta, daquele volume, não transcrita integralmente na reportagem do *JL*, diz CM sobre os amigos ideais que desejaria ter tido: “Queria ter sido amiga de certas pessoas: de Manrique, de Antônio Machado, de William Blake, de Shelley, da Mansfield... Tantos outros... Alguns, queria só ter conhecido pessoalmente: Shakespeare, Ben Johnson... Há outros que não queria conhecer para não me desiludir: Yeats, por exemplo”.

A grande frustração da minha vida é de não ter conhecido pessoalmente (e conheci tanta gente neste mundo) a grande e sempiterna Cecília Meireles. Assim não o quis o mau destino.

POEMAS DE BASILINA PEREIRA

POR QUE ESCREVO

Escrevo para decifrar o mundo
em letras e vozes estrangeiras,
que trespassam todas as línguas
e se resumem a um só sentido.
Escrevo para entender o que leio
no manuscrito da minha imaginação
e, também, para criar um mundo mais sensível,
que aceite as minhas imperfeições,
acolha todas as dúvidas, ampare meus medos
e deixe-me existir sem culpa,
em meio a este labirinto de idas e vindas,
sem rota certa... sem porto... sem farol...

DESENCANTOS

Já não há sonhos para acalantar nas manhãs de domingo.
Todos aqueles devaneios que dispersei pelo caminho
são hoje miragens... fantasias que se afastam,
à medida que me aproximo.
Tento juntar pedaços de memórias,
protegê-los das mágoas e do esquecimento,
mas só vejo falas murchas, desejos decepidos
pelo flutuar incessante dos dias
cobertos por decepções.
Há imagens teimosas, resistentes...
mas até essas se dissipam ao chamado da razão.
A alma tenta se manter coesa,
alerta ante as vestimentas que o futuro insinua,
ainda assim a realidade insiste:
não haverá poente,
se o amanhecer não se salvar do desencanto.